

Desencontros e encontros: a construção narrativa e da memória na pós-colonialidade

Encounters and misencounters: the construction of narrative and memory in postcoloniality

Letícia Veiga Castello Branco¹

Resumo: O presente artigo discute como o ponto de vista determina a construção das narrativas, especialmente em contextos marcados pela colonização. Partindo da compreensão de que um mesmo acontecimento pode ser interpretado de formas distintas pelo colonizador e pelo povo colonizado, nele analisa-se como Chimamanda Ngozi Adichie evidencia essas tensões no conto “A historiadora obstinada” da coletânea *No seu pescoço* (2017). Nesta obra, a escritora aborda visões mais diretas sobre os impactos desse processo histórico. Assim, no conto “A historiadora obstinada”, as três gerações de uma família: avó, filho e neta, trazem as formas de resistência e sobrevivência ao domínio colonial através de fragmentos de memória. Portanto, o artigo propõe uma análise da construção fragmentada da narrativa e dos múltiplos pontos de vista presentes no conto, ao fundamentar a pesquisa em teorias pós-coloniais e decoloniais para compreender como Adichie reinterpreta a história a partir das experiências nigerianas.

Palavras-chave: Pós-colonialismo; decolonialidade; ponto de vista; memória; colonização.

Abstract: This article examines how the point of view shapes narrative construction, particularly in contexts marked by colonization. Based on the premise that the same historical event can be interpreted differently by colonizers and colonized peoples, it analyzes how Chimamanda Ngozi Adichie foregrounds these tensions in *The Thing Around Your Neck* (2017), with particular attention to the short story “The Headstrong Historian.” Adichie’s short fiction thus offers direct perspectives on the impacts of the colonial process. “The Headstrong Historian” is especially significant for its portrayal of three generations: a grandmother, a son, and a granddaughter, whose experiences, narrated through fragments of memory, reveal strategies of resistance and survival under colonial domination. Drawing on postcolonial and decolonial theories, this article investigates the fragmented narrative structure and the multiple points of view in the story to understand how Adichie reinterprets history through Nigerian experiences.

Keywords: Post-colonialism; decoloniality; point of view; memory; colonization.

Introdução

Atualmente, uma discussão relevante se mantém em torno do ponto de vista na prosa literária, de modo a pensar na figura do narrador e entender quem está contando a história e o porquê da relevância dessa percepção. Desse modo, é importante ressaltar que a maneira como a história é relatada depende de quem a conta, por isso um mesmo enredo pode assumir pontos de vista distintos se narrados sob a ótica do colonizador ou a partir da experiência do povo invadido.

As violências da colonização estão muito presentes na narrativa de Chimamanda Ngozi Adichie. Ao escrever obras como *Americanah* (2014) ou *Hibisco Roxo* (2011) a autora traz situações que abordam o momento após a expansão colonial em território

¹ Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Literatura (PósLit) da Universidade de Brasília (UnB), com ênfase nos estudos em Literaturas Contemporâneas e Literatura comparada. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3088110548901185>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-4025-7247>. E-mail: leticaveiga.unb@gmail.com.

nigeriano, em que conseguimos ver suas personagens femininas em uma constante busca por mudança de vida, seja ao procurar uma nova realidade em outro país, enfrentando diretamente o racismo e a xenofobia como estrangeiras ou tentando melhorar a realidade em seu próprio território.

Por outro lado, ao investigar alguns contos da escritora, podemos ter uma visão mais direta de como esse processo afetou, e ainda afeta, a vida dessas pessoas. Um exemplo é o conto “A historiadora obstinada”, presente em sua coletânea de contos *No seu pescoço* (2017), em que Adichie constrói uma narrativa focada em três gerações: a avó, o filho e a neta, em meio a um processo de sobrevivência, submissão e resistência à colonização que ocorre na Nigéria. Ao invés de contar uma versão que é comumente vista em obras historiográficas do ponto de vista do colonizador, Chimamanda reconstrói a narrativa através de fragmentos da vivência das personagens nigerianas. Essas personagens utilizam do processo de colonização e suas sequelas como ferramenta de transformação, subvertendo a sua realidade.

Desse modo, Chimamanda estrutura seu conto utilizando a trajetória desses personagens para mostrar três momentos desse processo de colonização: um momento anterior a ela, o durante e o após; com a retomada da neta para o local cultural de identificação que se aproxima daquele ocupado por sua avó. Assim, pode-se observar como essa construção narrativa nos leva de um ponto de afastamento para um novo de reencontro com suas raízes culturais, que resiste ao apagamento histórico ao qual o seu povo é submetido ao longo da vida. Algo que perdura por gerações seguintes, como é o caso da avó e da neta no conto escolhido e cria uma ideia circular, de retomada desse local identitário para si.

A partir dessa reflexão, esse artigo visa expandir a discussão acerca da construção narrativa fragmentada no conto “A historiadora obstinada” de Chimamanda Ngozi Adichie, parte da do livro *No seu pescoço* (2017) a partir de pontos de vista distintos dessas três personagens e na construção narrativa da memória de acordo com a mudança do foco narrativo em cada uma delas ao decorrer do conto. Para isso, este artigo é baseado na teoria de estudos pós-colonial e decolonial que visa compreender o processo de resistência histórica e reverter o apagamento dessas vivências pelo processo de colonização.

Desencontros com a memória cultural

O conto “A historiadora obstinada” narra a história de Nwamgba, que vive em uma comunidade nigeriana, inicialmente, em um momento durante o início da colonização inglesa. A partir desse contato, conseguimos entender que a obra de Adichie trabalha com conceitos pós-coloniais, conforme explica o professor Cláudio Braga em seu livro *A literatura movente de Chimamanda Adichie: pós-colonialidade, descolonização cultural e diáspora* (2019):

Nesse contexto, defino a descolonização cultural como um processo, inerente à pós-colonialidade, no qual se buscam reposicionamentos que favoreçam indivíduos e sociedades vivendo na pós-colonialidade, no sentido de rever, amenizar ou mesmo extinguir os efeitos opressivos de preceitos e valores herdados da dominação colonial, que continuam exercendo controle sobre a mente, o espírito e a imaginação dos ex-colonizados, mesmo após a extinção da colonização formal. A descolonização cultural hoje não é o processo de resistência observado nos períodos pré e pós-independência, ou a quimérica recuperação da cultura pré-colonial, mas uma construção nova, que parte de inevitáveis aspectos da realidade pós-colonial, uma construção consciente das marcas não apagadas do colonialismo, mas capaz de criar novas formas híbridas de emancipação para indivíduos e sociedades pós-coloniais, posicionando-as de maneira mais autônoma e forte no contexto do século XXI. (Braga, 2019, p. 44-45)

Braga inicia seu texto, ampliando a distinção conceitual entre pós-colonialidade e decolonialidade, ao compreender a primeira como uma condição histórica marcada pela permanência dos efeitos da dominação colonial, mesmo após o fim do processo de invasão do país. Já a decolonialidade, formulada no texto como descolonização cultural, é apresentada como um processo ativo, consciente e crítico, voltado ao reposicionamento de sujeitos e coletividades diante dessas heranças opressivas que perduram nesses espaços.

Por mais que o foco do livro de Braga seja a obra *Americanah* (2014), podemos também associar o conceito de recriar a maneira como é contada a colonização ao projeto literário de Chimamanda em suas outras obras. Desse modo, acompanhamos a vivência inicial da personagem ao se casar com Obierika, contada a partir do ponto de vista feminino ao longo da narrativa. No entanto, após o falecimento dele, seus primos surgem tentando usurpar seu terreno. Diante disso, ela tem medo da perda da herança por conta de seu filho, Anikwenwa, e inclusive teme pela vida dele.

O contato inicial com o colonizador que nos é mostrado acontece com a presença inglesa no território e aparece na narrativa por Ayaju, uma amiga de Nwamgba que é comerciante, por isso circula em diferentes espaços. A interação que é mostrada no conto entre a personagem e os estrangeiros aparece também pela visão da comerciante, que menciona como a obtenção de poder ao conhecer os costumes desse novo povo se dá, tanto por meio da governança quanto por meio da religião. No entanto, é interessante observar que ao longo dessa conversa entre elas a escolha entre ser adepto ou não da cultura deles parece ser mostrado como uma estratégia:

[...] Ayaju queria que Azuka aprendesse os hábitos dos daqueles estrangeiros, pois um povo mandava no outro não por ser melhor, mas por ter armas melhores; afinal, seu próprio pai não teria sido vendido como escravo se seu clã fosse tão bem armado quanto o clã de Nwamgba. (Adichie, 2017, p. 220)

O fragmento mostra com clareza a disputa de poder que já existia no território, além de expandir para um comparativo com os estrangeiros e a sua maneira de demonstrar esse poder. A partir desse ponto de tensão que é apresentado, o conto começa a descrever o contato mais explícito entre a comunidade de Nwamgba e os ingleses, já que para impedir que ela perca esse terreno, ela opta por colocar seu filho na escola dos estrangeiros. Dessa forma, ele aprenderia a falar inglês e, assim, por meio do domínio do idioma, o menino estaria mais capacitado para defender seus bens no, como ela chama, “tribunal dos brancos” (Adichie, 2017, p. 222).

A partir desse fragmento, faz-se relevante compreender a partir de que ponto a autora opta por narrar essa história. O conto é narrado em terceira pessoa, por uma narração onisciente. No entanto, a narrativa tem seu foco em Nwamgba e nos acontecimentos que a envolvem. Ao trazer a obra *O narrador* (1994), de Walter Benjamin, é possível traçar um paralelo com a narrativa focalizada de Chimamanda:

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. (Benjamin, 1994, p.198)

Assim como colocado por Benjamin, a construção de um narrador anônimo consegue trazer para o conto esse teor de um relato contado e passado entre gerações, da mesma forma como acontece na narrativa do conto ao fragmentar-se entre presente

e passado de Nwamgba e de sua neta Afamefuna ao final. Além disso, por possuir a narração centralizada em Nwamgba, há o foco no ponto de vista da colonização a partir do povo colonizado e não do colonizador.

É interessante observar que Nwamgba se utiliza do processo de colonização como uma ferramenta para ela obter seus objetivos voltados para a justiça de preservar a vida de seu filho e a memória de Obierika, além de manter a posse das terras herdadas. Nesse momento inicial, ela não visa que os costumes dos estrangeiros sejam absorvidos em por Anikwenwa, mas que ele domine o idioma para legitimar seus bens frente às leis estrangeiras que parecem estar se estabelecendo naquele lugar, revelando, desse modo, uma visão estratégica.

Para entender a escrita de Chimamanda e a maneira como ela expande suas personagens femininas, é necessário compreender sobre o romance africano que surge inicialmente com o intuito de formar uma identidade africana distanciando-se da colonização europeia. Na tese da professora doutora Fernanda Alencar Pereira “*Literatura e política: a representação das elites pós-coloniais africanas em Chinua Achebe e Pepetela*” (2012), ela explica a formação do romance africano associando-o diretamente à construção de uma identidade nacional, por mais que o aspecto cultural fosse diferente em cada país africano, ainda existia uma ideia geral de crítica à colonização e de desvinculação com o estigma de um povo invadido:

[...] os romancistas africanos introduziram sua perspectiva das questões locais no gênero literário proveniente da Europa, para criar um produto novo, capaz de revelar a matéria específica africana, de sorte que o romance africano também conseguiu se estabelecer enquanto elemento essencial de afirmação identitária tanto para o escritor africano, quanto para seu público leitor.

[...] o fazer literário ganha grande importância na formação identitária das nações que lutavam por independência. Na produção literária, a identidade passa a ser explicitada como resultado de uma criação discursiva na qual o autor assume a identidade como processo cultural e não como natural. (Pereira, 2012, p.47-48)

Esse ideal de crítica ao processo colonizatório se repete na construção do projeto literário de Adichie, mas também surge como uma crítica a autores homens, por isso, ela coloca à frente de suas obras figuras femininas fortes presentes nessa sociedade. Nwamgba surge desde o início do conto como uma mulher decidida e à frente de sua família. Conforme explica Spivak em seu texto *Pode o subalterno falar?* (2010) o modo

como a história é contada vai além da narração dos fatos, mas também foca na versão da história que se escolhe contar:

Não se trata de uma descrição de "como as coisas realmente eram" ou de privilegiar a narrativa da história como imperialismo como a melhor versão da história. Trata-se, ao contrário, de oferecer um relato de como uma explicação e uma narrativa da realidade foram estabelecidas como normativas. (Spivak, 2010, p. 48)

Ou seja, como Adichie opta por centralizar a narrativa em Nwamgba e reproduzir a visão da personagem, por mais que a narrativa seja contada em terceira pessoa. Dessa forma, a protagonista se coloca como matriarca, tanto no momento de se casar com Obierika e manter seu casamento, quanto após a morte do marido em relação à educação de seu filho. Desse modo, Nwamgba visa utilizar dos processos legislativos estrangeiros e do idioma a seu favor, buscando-os como uma ferramenta que a mantenha segura frente aos seus iguais e, até mesmo, frente a esse processo colonizatório que está em curso. Por essa razão, com Anikwenwa na missão católica, ele foi rebatizado com o nome de Michael, já que seu nome *Igbo* era considerado pagão pelos padres missionários. No entanto, tal imposição não abala Nwamgba, pois para ela essas mudanças não a afetam diretamente, para ela são apenas formalidades que não levava em consideração:

O padre Shanahan disse a Nwamgba que Anikwenwa teria que assumir um nome inglês, pois não era possível ser batizado com um nome pagão. Ela concordou facilmente. Para Nwamgba, o nome de seu filho sempre seria Anikwenwa; se eles, antes de ensiná-lo a falar sua língua, queriam chamá-lo de algo que ela não conseguiria pronunciar, ela não se importava nem um pouco. Só importava que ele aprendesse o suficiente da língua para enfrentar os primos do pai. [...]
Ele deu ao menino uma camisa e um par de calções, pois o povo de Deus não andava por aí nu, e tentou pregar para sua mãe, mas ela olhou-o como se ele fosse uma criança fazendo tolice. A mãe possuía uma assertividade perturbadora, qualidade que o padre vira em muitas mulheres dali; havia muito potencial a ser explorado se sua selvageria pudesse ser amansada. Seria notável ter essa tal de Nwamgba como missionária. (Adichie, 2017, p. 223)

Nesse contexto, o trecho acima mostra a determinação de Nwamgba em alcançar seus objetivos, não levando em consideração os valores dos missionários católicos frente aquilo que ela escolheu inicialmente, no caso o nome de seu filho. É possível notar que

Nwamgba enxerga todas as ações dos padres como absurdas pelas micro reações que ela expressa frente a eles, como é o caso das vestimentas com o olhar que ela lança ao padre.

Nessa parte, pode-se observar que o ponto de vista do padre europeu aparece ao observar Nwamgba e Anikwenwa com um olhar julgador sobre sua cultura, no entanto, a narração segue um caminho que dá voz para a maneira como Nwamgba enxerga as atitudes do padre e nega aceitá-las para si e sim utilizá-las a seu favor, deixando claro o embate e a resistência dela frente a essas figuras que podem ser colocadas como autoridades em uma comunidade invadida.

Essa divergência que acontece inicialmente é descrita pela pesquisadora Maiara Cristina Segato Rocha Pereira em sua tese intitulada “Representações do feminino decolonial na obra de Chimamanda Ngozi Adichie” (2025) acerca do choque cultural inicial entre as diferenças e não-aceitação da cultura do outro:

Na leitura do conto, percebe-se a representação do choque cultural entre o colonizador e o colonizado, bem como a forma como a identidade cultural africana é alterada, apontando para a discussão sobre a necessidade de se trabalhar outra perspectiva a respeito da colonização de países africanos como a Nigéria. Dessa vez, a partir da visão do colonizado. A maneira com que Adichie reflete sobre o cristianismo possibilita a descrição do olhar do colonizado perante a cultura do colonizador. (Pereira, 2025, p. 130)

A partir desse momento, a obra se volta para os sentimentos de Nwamgba em relação ao deslocamento de Anikwenwa. O filho dela, após um tempo na escola católica, absorve os preceitos cristãos e os aplica em sua vivência, o que implica na recusa de sua cultura de origem, considerada pagã pelos cristãos. Como ele começa a acompanhar os missionários, Nwamgba para de vê-lo com frequência, gerando um afastamento da relação entre mãe e filho.

A construção de uma identidade cultural e seu consequente apagamento, faz parte da concepção do indivíduo, de acordo com sua vivência. No caso de Anikwenwa, ele opta por abandonar sua herança nigeriana e adequar-se aos costumes do colonizador, principalmente na violência em relação à mudança de nome, algo para sua mãe inconcebível na realidade. Essa questão da identidade é compreendida quando dialogamos com o texto de Stuart Hall, *A identidade cultural na pós-modernidade* (2003),

no qual ele menciona a construção da identidade individual relacionada com o deslocamento social:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. [...]. Esta perda de um 'sentido de si' estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. (Hall, 2003, p. 9)

Tal qual visto na teoria de Hall, o deslocamento físico de Anikwenwa para longe de sua mãe ao realizar missões católicas o leva a construir sua identidade individual, durante a fase da adolescência e início da vida adulta, conforme a ideologia do colonizador e refuta tudo o que está associado à sua cultura de origem.

Dessa forma, o conto expande esse rompimento entre Anikwenwa, que agora assume, de fato, o nome católico Michael, e sua mãe ao mostrar a divergência e dificuldade dele ao aceitar sua cultura de origem. Apesar disso, é interessante observar que, em momento nenhum, Nwamgba aceita a posição de seu filho, sempre levando-o a ser parte, mesmo que contra a sua vontade, dos ritos culturais que envolvem a realidade *Igbo*.

(Re)encontro com o passado

Apesar do rompimento cultural por parte de Anikwenwa, a (re)construção de uma nova identidade ressurgiu quando observamos sua filha. Batizada com o nome católico Grace, ela, em sua idade adulta, assume o nome dado por sua avó, Afamefuna. Esse nome significa "Meu nome não se perderá" (Adichie, 2017, p. 229), o que reforça a resistência ao apagamento que Nwamgba insiste em cultivar ao longo do conto. Como a jovem tinha sempre o interesse nas histórias contadas por sua avó, o conto mostra para o leitor uma reviravolta com Afamefuna rompendo com o ideal colonizador, o qual seu pai tornou-se adepto, e retoma suas origens nigerianas ao ir ver sua avó em seu leito de morte. A quebra na narrativa mostra para o leitor uma costura que fecha o enredo do conto com um formato cíclico, apesar da narrativa fragmentada.

Dessa forma, inicialmente com o nome Grace, a personagem traça o caminho oposto àquele que o pai idealizou para ela. Desde o início de sua juventude, ela ia contra

os ensinamentos da escola católica que insistia em negar o papel de sua avó e da poesia da tribo de sua origem. A violência nesse processo fica clara na narrativa por meio do apagamento cultural que toda a tribo de Nwamgba sofre, a partir daquilo que os europeus, responsáveis pela colonização, determinam como a cultura que deve prevalecer. No entanto, a fragmentação da narrativa, ao final do conto, mostra que essa retomada é possível por parte de Afamefuna, que retoma ao lugar onde está sua avó para vê-la em seus momentos finais.

Assim, mesmo que contra a vontade de seu pai, ela decide deixar tudo para trás para ver sua avó em seu leito de morte em meio a questionamentos violentos acerca da colonização, da submissão das mulheres e do apagamento de sua história:

Grace largou a mochila, dentro da qual havia um livro escolar com um capítulo intitulado “A pacificação das tribos primitivas do sul da Nigéria”, escrito por um administrador de Worcestershire que vivera no meio deles durante sete anos.

Foi Grace quem leu sobre esses selvagens, intrigada com seus costumes curiosos e sem sentido, sem conectá-los consigo mesma até que sua professora, a irmã Maureen, lhe dissesse que não podia se referir à chamada-e-resposta que sua avó tinha lhe ensinado como poesia, pois as tribos primitivas não tinham poesia. Foi Grace quem riu alto até a irmã Maureen levá-la para o castigo e depois chamar seu pai, que lhe deu uma bofetada diante dos professores para mostrar a eles quão bem disciplinava os filhos. Foi Grace quem nutriu um ressentimento profundo pelo pai durante anos, passando as férias trabalhando de empregada em Onicha para evitar as beatices e as certezas azedas dos pais e do irmão. (Adichie, 2017, p. 230)

Novamente, a narração do conto traz a visão de Afamefuna em relação a sua vivência, conforme o fragmento apresentado acima. O ponto principal a se destacar nesse fragmento é a resistência, tal qual sua avó, que ao longo do conto demonstra sempre manter-se fiel àquilo que acredita dentro de sua cultura, com a neta replicando o mesmo sentimento durante sua juventude e início de seus anos adultos. Isso pode ser percebido à medida que desde a infância ela recusa o espaço colonizatório no qual ela é submetida, e, em sequência, ela escolhe deixar esse espaço e aceitar sua origem cultural como parte de sua vivência.

No parágrafo seguinte, Adichie continua a construir esse ponto de retorno da narrativa por parte de Afamefuna, ao descrever o fim de seu casamento. A personagem opta por terminar, no momento em que o marido menciona a cultura de seus ancestrais

como uma “cultura primitiva”. A partir do ponto que ele renega o espaço que ela está tentando retomar, não apenas para si, mas historicamente, por meio da pesquisa, que provam que a invasão colonial não resulta em civilização, mas sim em apagamento e dominação. Adichie, se aproximando ao fim do conto, menciona os prêmios ganhos pela personagem, culminando na mudança oficial de nome de Grace para Afamefuna:

Foi Grace quem, numa conversa sobre a primeira versão do manuscrito com seu noivo, George Chikadibia — um homem cheio de estilo, formado na King’s College, de Lagos; um futuro engenheiro; usuário de ternos com colete; especialista em dança de salão que com frequência dizia que uma escola secundária sem latim entre as disciplinas era como uma xícara de chá sem açúcar —, soube que o casamento não ia durar quando ele disse que ela estava errada em escrever sobre cultura primitiva em vez de sobre um tópico relevante, como as alianças africanas em meio à tensão americano-soviética. Eles se divorciaram em 1972, não por causa dos quatro abortos espontâneos que Grace tinha sofrido, mas porque ela acordou coberta de suor uma noite e se deu conta de que o esganaria até a morte se tivesse que ouvir mais um monólogo extasiado sobre seus tempos de Cambridge.

Foi Grace quem, quando recebia prêmios da universidade, quando discursava para plateias solenes em conferências sobre os povos ijaw, ibibio, igbo e efik do sul da Nigéria, quando escrevia relatórios para organizações internacionais sobre coisas que deviam ser óbvias para qualquer um que tivesse bom senso, mas pelas quais, mesmo assim, ela recebia remunerações generosas, imaginava sua avó observando tudo e rindo, muito divertida. Foi Grace quem, cercada por seus prêmios, seus amigos, seu jardim de rosas inigualáveis, mas sentindo-se, sem saber explicar bem por que, distante de suas raízes no fim da vida, foi a um cartório em Lagos mudar oficialmente seu primeiro nome de Grace para Afamefuna. (Adichie, 2017, p. 231-232)

A decisão da alteração de nome nos mostra a importância da herança cultural, associada, novamente, com quem conta a história. Inicialmente, quando a história estava sendo contada do ponto de vista de Nwamgba, os nomes e os ritos de sua sociedade eram mantidos, a partir do momento em que o ponto de vista do colonizador começa a ganhar destaque, com seu filho, ocorre o apagamento desses detalhes. Essa diferença culmina no nome da neta, por parte do pai, o nome escolhido é Grace, um nome católico que representa a graça de Deus, no entanto, Nwamgba continua resistindo ao chamar sua neta de Afamefuna que faz uma referência direta a resistência frente ao processo de apagamento, já que o significado do nome em Igbo é que seu nome não se perderá, consequentemente, não será esquecido.

Em meio a discussão sobre apagamento e ponto de vista, o texto de Spivak *Pode o subalterno falar?* (2010) expande essa discussão ao mencionar o desaparecimento de enredos que tentam ser resgatados pela crítica pós-colonial ao preencher os espaços em branco que existiam previamente, ao fazer uma referência ao apagamento histórico e a maneira como é possível preencher esses espaços com a própria existência e maneira de contar a história:

Esse espaço em branco inacessível, circunscrito por um texto interpretável, é o que a crítica pós-colonial do imperialismo gostaria de ver desenvolvida, no espaço europeu, como o lugar da produção de teoria. Os críticos e intelectuais pós-coloniais podem tentar deslocar sua própria produção apenas pressupondo esse espaço em branco inscrito no texto. Tornar o pensamento ou o sujeito pensante transparente ou invisível parece, por contraste, ocultar o reconhecimento implacável do Outro por assimilação. (Spivak, 2010, p. 83)

Nesse contexto, é possível fazer o cruzamento entre Spivak e a construção da narrativa de Adichie, já que esta faz esse papel de construção de espaços vazios a partir da retomada de lugar de pesquisa pela própria personagem de Afamefunu. Sua retomada não é apenas para visitar a avó, mas sim uma retomada identitária que a personagem realiza em busca de sua história pessoal e cultural que envolve suas raízes na Nigéria.

Situação essa que se conecta com a palestra de Chimamanda *O perigo da história única* (2009), uma vez que expõe esse apagamento por meio do relato de suas experiências pessoais. A escritora ao chegar aos Estados Unidos, percebeu que o Ocidente reduz a África a uma história única de sofrimento e privação, em vez de reconhecê-la como um continente composto por diferentes culturas e etnias:

Minha colega de quarto americana ficou chocada comigo. Ela perguntou onde eu tinha aprendido a falar inglês tão bem e ficou confusa quando respondi que a língua oficial da Nigéria era o inglês. [...]
O que me impressionou foi: ela já sentia pena de mim antes de me conhecer. [...] Minha colega de quarto tinha uma história única da África: uma história única de catástrofe. Naquela história única não havia possibilidade de africanos serem parecidos com ela de nenhuma maneira; não havia possibilidade de qualquer sentimento mais complexo que pena; não havia possibilidade de uma conexão entre dois seres humanos iguais. (Adichie, 2009)

Assim como Chimamanda sentiu a dinâmica de poder existente da colonização na própria vivência, ela transcreve esse sentimento para Afamefunu em seu conto.

Resgatar a sua origem ia além de reconstruir uma história mundial, mas também para entender sua identidade como nigeriana e enfrentar o processo de colonização que se mantém presente na ordem de poder até hoje. Desse modo, ela busca se entender como indivíduo a partir do seu ponto de vista para contar sua história pessoal e de seus ancestrais em um meio acadêmico que tenta excluí-la.

Conforme os questionamentos da personagem, ela chega ao fim do conto como professora universitária premiada ao estudar a formação nigeriana, o que faz um círculo final para o retorno às origens e ao observar a cultura pelo olhar colonizado ao invés do colonizador. Além disso, o fragmento final que relata a imagem de Afamefuna com sua avó mostra também a redenção e reforça a resistência que Nwamgba teve ao longo de sua vida: “Mas, naquele dia, ao se sentar ao lado da cama da avó à luz do crepúsculo, Grace não estava nem contemplando o futuro. Ela simplesmente segurou a mão da avó, com sua palma áspera de tantos anos fazendo cerâmica” (Adichie, 2017, p. 233).

Considerações finais

O conto “A historiadora obstinada” encerra a coletânea de contos *No seu pescoço* (2017) ao mostrar três partes do processo colonizatório nigeriano: a organização social que existia anteriormente à colonização estrangeira; a convivência entre os europeus e eles durante com a dominância pelas armas e pela religião; e o momento após com a neta acolhendo sua identidade nigeriana e retornando ao lar para o lado de sua avó. Dessa forma, a autora constrói uma narrativa através da memória com foco em cada uma das personagens contada em partes que envolvem a mesma família e a maneira como cada um deles lidou com o processo da colonização.

Então, o conto retoma a construção de uma identidade nigeriana por meio de conceitos pós-coloniais que envolvem as três gerações de Nwamgba. Vale ressaltar que, Chimamanda foca na força que sua protagonista possui, tanto ao utilizar do colonialismo como uma ferramenta em meio aos problemas de sua própria comunidade quanto ao enfrentar os estrangeiros, e seu próprio filho convertido ao cristianismo, diretamente se recusando a aceitar seus ideais em sua vivência como mulher nigeriana. Além disso, a personagem também exerce sua força ao tentar manter sua família unida e de passar adiante para as gerações futuras as poesias de sua comunidade, o que encanta sua neta

e a leva a realizar esse processo de buscar suas origens e conectar-se com a cultura ancestral que a acolhe.

Com a maneira como o conto é narrado, podemos observar a construção de um ponto de vista diferente para contar esse enredo geracional, em que o narrador onisciente centraliza sua narração na figura de Nwamgba e na maneira como ela utiliza a narrativa como uma ferramenta para sua sobrevivência em sua tribo, ao mesmo tempo em que luta contra aceitar esses novos costumes impostos em sua própria cultura por parte de seu filho.

Ademais, o teor fragmentado e cíclico da narrativa propõe um retorno aquela cultura que tentou ser apagada durante a colonização. Esse conceito pós-colonial na narrativa de Chimamanda surge na figura de Afamefunu, a neta de Nwamgba, que toma de volta esse lugar de afeto da cultura nigeriana para estar do lado de sua avó e renega os estudos conferidos a ela por seu pai e, conseqüentemente, pelo sistema colonizatório.

Por fim, a Literatura de Adichie reconstrói temas importantes no processo decolonial ao tomar posse da narrativa de um enredo consolidado e contado pelos colonizadores. Assim, a autora consegue criar uma narrativa que rememora esse processo da perspectiva feminina e surge como parte integrante da narrativa pós-colonial feminista.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. A historiadora obstinada. In: ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *No seu pescoço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 212-233.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi.. *O perigo da história única*. [S. l.]: TED, 2009. 1 vídeo (ca. 19 min). Palestra apresentada na TEDGlobal 2009. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story. Acesso em: 14 jan. 2026.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.
- BRAGA, Claudio Roberto Vieira. *A literatura movente de Chimamanda Adichie: pós-colonialidade, descolonização cultural e diáspora*. Brasília: Editora UnB, 2019.
- BRAGA, Cláudio Roberto Vieira; GONÇALVES, Glaucia Renate. Diáspora, espaço e literatura: alguns caminhos teóricos. *Trama, Marechal Cândido Rondon*, v. 10, n. 19, p. 37-47, 1. sem. 2014. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/9763>. Acesso em: 04 dez. 2025.
- BRUGIONI, Elena. Pós-colonial e Decolonial. In: GALLO, Fernanda (Org.). *Breve Dicionário das Literaturas Africanas*. Campinas : Editora da Unicamp. 2022.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 8ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

PEREIRA, Fernanda Alencar. *Literatura e política: a representação das elites pós-coloniais africanas em Chinua Achebe e Pepetela*. 2012. 138 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

PEREIRA, Maiara Cristina Segato Rocha. *Representações do feminino decolonial na obra de Chimamanda Ngozi Adichie*. 2025.167 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Recebido em: 21/01/2026

Aceito em: 17/06/2026